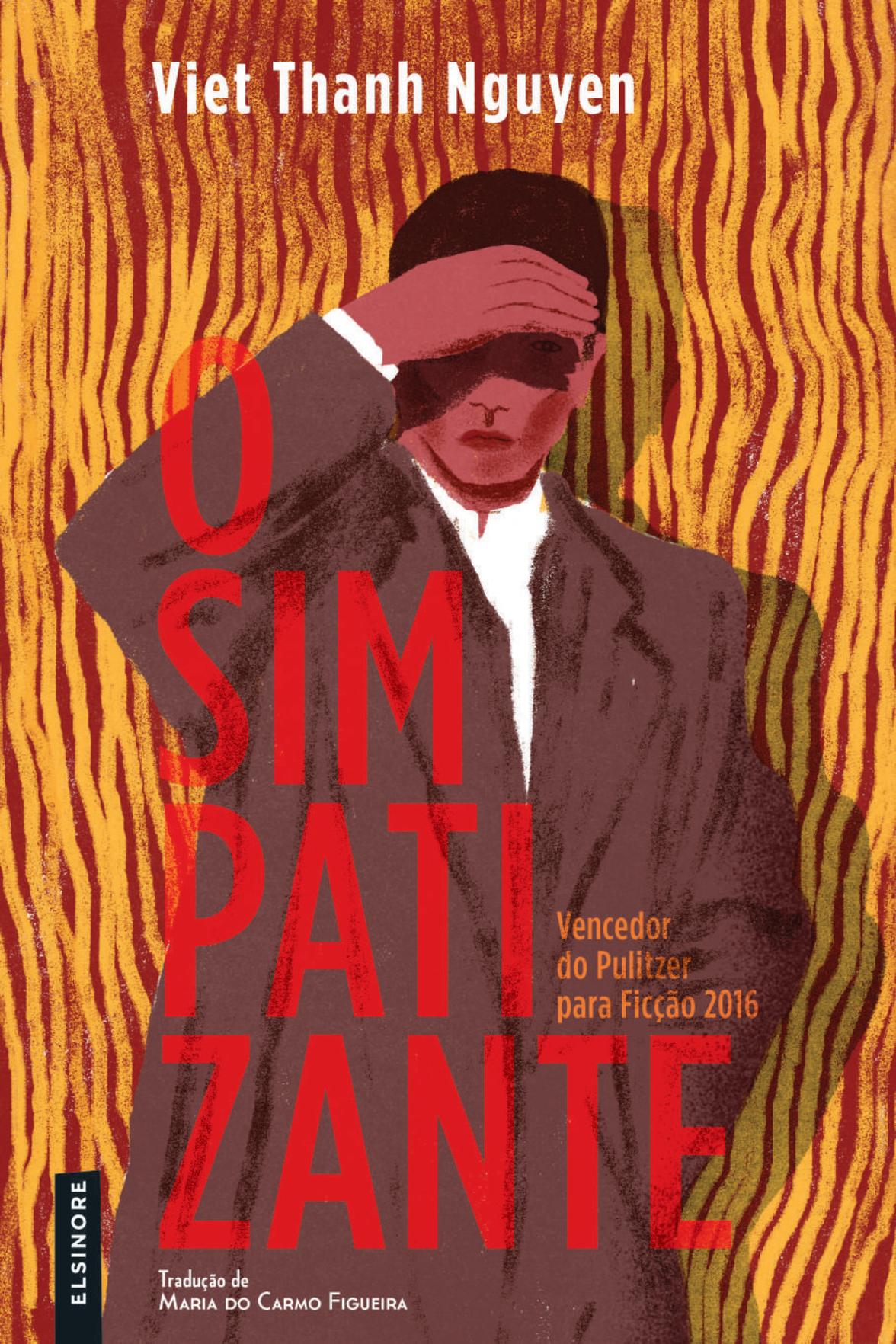


Viet Thanh Nguyen



O
SIM
PATI
ZANTE

Vencedor
do Pulitzer
para Ficção 2016

ELSINORE

Tradução de
MARIA DO CARMO FIGUEIRA

Para Lan e Ellison

*«Não nos deixemos entristecer ao ouvirmos a palavra «tortura»:
neste caso particular, existe quanto basta para contrabalançar
e mitigar essa palavra – existe até motivo para rir.»*

FRIEDRICH NIETZSCHE, *A Genealogia da Moral*

CAPÍTULO 1

Sou um espião, um infiltrado, um malsim, um homem de duas faces. Não será porventura uma surpresa que também seja um homem de duas mentes. Não sou um mutante incompreendido de um livro de banda desenhada ou de um filme de terror, ainda que haja quem me tenha tratado como tal. Sou simplesmente capaz de considerar uma questão de ambos os lados. Lisonjeio-me por vezes dizendo que se trata de um talento e, embora reconhecidamente de uma natureza menor, talvez seja também o único talento que possuo. Noutras vezes, ao refletir sobre a inevitabilidade de observar o mundo desse modo, interrogo-me se deverei sequer chamar talento ao que tenho. No fim de contas, talento é algo que usamos e não algo que nos usa a nós. Esse talento que não podemos *não* usar, o talento que nos possui: devo confessar que comporta um risco. Porém, no mês em que tem início esta confissão, a minha maneira de encarar o mundo ainda se assemelhava mais a uma virtude do que a um perigo, que é como certos perigos começam por se mostrar.

O mês em questão era abril, o mês mais cruel. Foi esse o mês em que uma guerra que já ia longa se iria abaixo nas canetas, como é hábito nas guerras. Foi um mês de importância capital para toda a gente na nossa pequena parte do mundo e de nenhuma para a maioria das pessoas no resto do mundo. Foi um mês que assistiu em simultâneo ao fim de uma guerra e ao início da... enfim, «paz» não é bem a palavra, pois não, caro Comandante? Foi um mês em que aguardei o fim no outro lado dos muros de uma casa de campo onde passara os cinco anos anteriores, muros esses que reluziam com cacos

de vidro castanho, encimados por um arame farpado enferrujado. Tinha o meu próprio quarto nessa casa, tal como tenho o meu próprio quarto no seu campo, Comandante. Naturalmente, o termo certo para o meu quarto é «cela de isolamento» e, em vez de uma empregada que venha todos os dias tratar da limpeza, o que o Comandante me forneceu foi um guarda imberbe que não limpa nada. Mas não me estou a queixar. Não é a limpeza, antes a privacidade, o meu único pré-requisito para redigir esta confissão.

Embora à noite gozasse de privacidade suficiente na casa de campo do General, gozava de pouca durante o dia. Era o único dos oficiais do General a viver em sua casa, o único solteiro da sua equipa e o ajudante de campo em quem ele mais confiava. De manhã, antes de o levar de carro no curto trajeto até ao seu gabinete, tomávamos o pequeno-almoço juntos, esmiuçando comunicações numa das pontas da mesa de teca enquanto na outra ponta a sua mulher vigiava um disciplinado quarteto de crianças, com 18, 16, 14 e 12 anos de idade, ficando um lugar vago para a filha que estava a estudar nos Estados Unidos. Ainda que nem toda a gente receasse o fim, o General tinha a sensatez de o fazer. Era um homem magro, com excelente postura, e um veterano de campanha cujas inúmeras medalhas tinham sido, no seu caso, realmente merecidas. Apesar de só possuir nove dedos das mãos e oito dos pés, tendo perdido três entre balas e estilhaços de granada, a sua família e os seus confidentes eram os únicos a par do estado do seu pé esquerdo. As suas ambições quase nunca tinham sido frustradas, à exceção do seu afã de obter uma excelente garrafa de borgonha para beber com companheiros com juízo suficiente para não colocarem cubos de gelo no vinho. Era um epicurista e um cristão, por esta ordem, um homem de fé que acreditava na gastronomia e em Deus; na sua mulher e nos seus filhos; e nos Franceses e nos Norte-Americanos. Os quais, na sua opinião, nos proporcionavam uma tutela melhor do que a dos outros manipuladores estrangeiros que tinham hipnotizado os nossos irmãos do Norte e parte dos nossos irmãos do Sul: Karl Marx, V. I. Lenine e o Presidente Mao. Não que ele alguma vez tivesse lido tais sábios! A minha função enquanto seu

ajudante de campo e oficial subalterno dos serviços de informação era essa, fornecer-lhe cábulas relativas, por exemplo, ao *Manifesto Comunista* ou ao pequeno *Livro Vermelho* de Mao. A ele, cabia-lhe encontrar o momento oportuno para demonstrar o conhecimento que tinha do pensamento do inimigo, apresentando uma predileção pela pergunta de Lenine, a qual plagiava sempre que a necessidade o impunha: cavalheiros, dizia, tamborilando a mesa em causa com os indissolúveis nós dos dedos, *o que fazer?* Dizer ao General que na realidade tinha sido Nikolay Chernyshevsky a formular tal pergunta no seu romance com esse mesmo título parecia irrelevante. Quantos se lembrarão hoje de Chernyshevsky? Quem contava era Lenine, o homem de ação que pegou na pergunta e se apropriou dela.

Nesse soturníssimo abril, confrontado com essa pergunta acerca do que deveria ser feito, o general que arranjava sempre algo para fazer já não conseguia arranjar nada. O homem que depositava fé na *mission civilisatrice* e no Estilo de Vida Americano via-se finalmente mordido pelo bicho da descrença. Subitamente atacado de insónias, começou a deambular pela casa de campo com a palidez esverdeada de um doente de malária. Após o desmoronar da nossa frente norte semanas antes, em março, materializava-se à porta do meu gabinete ou no meu quarto para me transmitir um fragmento de uma notícia, sempre taciturno. Dá para acreditar?, perguntava, ao que eu respondia uma de duas coisas: Não, meu Comandante!, ou: Inacreditável! Ele não conseguia acreditar que a encantadora e pitoresca cidade de Ban Me Thuot, a capital do café e o meu berço nas Terras Altas, tivesse sido pilhada no início de março. Não conseguia acreditar que Thieu, o nosso presidente, cujo nome pedia para ser cuspidado da boca para fora, tivesse inexplicavelmente ordenado às nossas forças defensivas das Terras Altas que batessem em retirada. Não conseguia acreditar que Da Nang e Nha Trang tivessem capitulado, ou que as nossas tropas tivessem abatido civis pelas costas quando desvairadamente faziam de tudo para fugir em barcos e barcaças, com o número de mortos a ascender aos milhares. Na secreta privacidade do meu gabinete, eu tirava diligentemente fotografias desses relatos,

que seriam do agrado do Man, o meu superior. Embora fossem do meu agrado também, na qualidade de sinais da erosão inevitável do regime, não deixava de me sentir comovido com o apuro daquela gente pobre. Talvez não fosse correto, no sentido político, sentir compaixão por aquelas pessoas, mas, se fosse viva, a minha mãe contar-se-ia entre elas. Ela era uma pessoa pobre, eu era o seu pobre filho, e, aos pobres, ninguém pergunta se desejam a guerra. Também ninguém perguntara àquela gente pobre se desejava morrer à sede e de hipotermia no mar da costa, ou se desejava ser roubada e violada pelos seus próprios soldados. Se esses milhares de pessoas ainda fossem vivos, não acreditariam na forma como morreram, tal como não conseguíamos acreditar que os Norte-Americanos — os nossos amigos, os nossos benfeitores, os nossos protetores — tivessem recusado com desdém o nosso pedido para que enviassem mais dinheiro. E o que teríamos feito com esse dinheiro? Comprar munições, gasolina e peças sobressalentes para as armas, os aviões e os carros de combate que os mesmos Norte-Americanos nos tinham concedido de graça. Após nos terem dado as seringas, tinham perversamente deixado de nos fornecer a droga. (Nada é tão caro, murmurava o General, como o que é oferecido de graça.)

Ao cabo das nossas conversas e refeições, eu acendia o cigarro do General e ele ficava a espionar o vazio, esquecendo-se de fumar o *Lucky Strike* que se consumia devagar nos seus dedos. Em meados de abril, quando a cinza o arrancou de forma pungente ao devaneio e ele proferiu uma palavra que não deveria ter proferido, a Madame calou os filhos que estavam às risadinhas e disse: Se esperares muito mais, não conseguiremos sair. Devias pedir imediatamente um avião ao Claude. O General fingiu não ter ouvido a Madame. A mente dela era como um ábaco, tinha a espinha de um instrutor militar e o corpo de uma virgem mesmo após cinco filhos. Tudo envolto num desses exteriores capazes de inspirar pintores formados em Belas-Artes a usar a aquarela mais pastel e as pinceladas mais difusas. Era, em suma, o ideal da vietnamita. Por essa sorte, o General sentia-se eternamente agradecido e aterrorizado. Massajando a ponta do dedo queimado,

olhou para mim e disse: Acho que é hora de pedir um avião ao Claude. Só quando se pôs novamente a inspecionar o dedo magoado é que eu olhei de relance para a Madame, que se limitou a franzir o sobrolho. Bem pensado, meu Comandante, disse eu.

O Claude era o amigo norte-americano em quem mais confiávamos, sendo a nossa relação tão íntima que ele chegou a confidenciar-me que era um dezasseis avos negro. Ah, dissera eu, equivalentemente encharcado em *bourbon* do Tennessee, daí os teus cabelos pretos e a razão do teu bronzado fácil, e de saberes dançar o chachachá como se fosses um de nós. O Beethoven, disse ele, também tinha um dezasseis avos da mesma ascendência. Isso explica, disse eu então, o facto de conseguires cantar os *Parabéns a Você* como se não fosse nada. Conhecíamos-nos havia mais de duas décadas, após ele me ter descoberto numa barcaça de refugiados em 1954 e reconhecido os meus talentos. Eu era um miúdo precoce de nove anos que já aprendera um inglês aceitável, ensinado por um missionário norte-americano pioneiro. O Claude trabalhava supostamente no auxílio aos refugiados. A sua secretária situava-se agora na embaixada norte-americana, tendo por função aparente a promoção do desenvolvimento do turismo no nosso país dilacerado pela guerra. O que, como poderão imaginar, exigia todas as gotas que conseguisse espremer de um lenço ensopado com o suor do dinâmico espírito norte-americano. Na realidade, o Claude era um funcionário da CIA cuja permanência no país remontava ao tempo em que os Franceses ainda administravam um império. Nessa época, quando a CIA era o OSS, Ho Chi Minh recorreu à sua ajuda na luta contra os Franceses. O Claude até citou os Pais Fundadores dos Estados Unidos na sua declaração de independência do nosso país. Os inimigos do Tio Ho dizem que ele tentava agradar a gregos e a troianos em simultâneo, mas o Claude acreditava que ele compreendia de imediato as duas perspectivas. Liguei ao Claude do meu gabinete, que estava situado no mesmo corredor do escritório do General, e informei-o em inglês de que o General perdera por completo a esperança. O vietnamita do Claude era fraco e o francês pior ainda, já o inglês era excelente.

Realço tal facto apenas porque o mesmo não se poderia dizer de todos os seus compatriotas.

Acabou-se, disse eu, e, assim que o disse ao Claude, pareceu-me finalmente real. Achei que era possível que o Claude protestasse e argumentasse que os bombardeiros norte-americanos ainda poderiam povoar os nossos céus, ou que a cavalaria aérea norte-americana poderia em breve vir montada em helicópteros para nos socorrer, mas o Claude não me desiluiu. Vou ver o que se pode arranjar, disse, ouvindo-se um murmúrio de vozes ao fundo. Imaginei a embaixada num alvoroço, telétipos em sobreaquecimento, um corrupio de cabogramas urgentes entre Saigão e Washington, o pessoal a trabalhar sem tréguas, e um pungente fedor a derrota capaz de subjugar os ares condicionados. No meio de pavios curtos, o Claude mantinha a calma, ele que estava a viver cá havia tanto tempo que mal transpirava com a humidade tropical. Era capaz de nos apanhar de surpresa no escuro, mas jamais conseguiria tornar-se invisível no nosso país. Apesar de intelectual, pertencia a uma estirpe particularmente norte-americana, a do tipo musculado que faz remo e ostenta uns bíceps consideráveis. Ao passo que os nossos académicos tendiam a ser lívidos, míopes e atrofiados, o Claude media 1,9 metros, era senhor de uma visão perfeita e mantinha-se em forma realizando 200 flexões todas as manhãs, com o criado da etnia Nung de cócoras nas costas. Nos tempos livres, lia e, sempre que fazia uma visita à casa de campo, trazia um livro enfiado debaixo do braço. Quando apareceu uns dias depois, vinha com um exemplar brochado d'O *Comunismo Asiático e o Modo de Destruição Oriental* de Richard Hedd na mão.

O livro era para mim, já o General teve direito a uma garrafa de *Jack Daniel's*: prenda que eu teria preferido se me fosse dado a escolher. Ainda assim, tive o cuidado de examinar a capa do livro, atulhada de publicidades tão balofas que bem poderiam ter sido retiradas da transcrição de um clube de fãs de miúdas adolescentes, só que as risadinhas de entusiasmo eram oriundas de um par de ministros da defesa, de um senador que realizara uma visita de duas semanas ao nosso país para apurar factos e de um célebre pivô televisivo cuja

formulação era inspirada em Moisés, tal como Charlton Heston o representara. O motivo do seu entusiasmo poderia ser encontrado na significativa composição do subtítulo, *Para a Compreensão e Derrota da Ameaça Marxista na Ásia*. Quando o Claude afirmou que andava tudo a ler aquele manual de instruções, eu disse que também o iria ler. O General, que abrira a garrafa, não estava inclinado para a discussão de livros ou para a conversa de chacha, dadas as 18 divisões inimigas que rodeavam a capital. A sua vontade era debater a questão do avião, e o Claude, enrolando o copo de uísque entre as palmas das mãos, disse que o melhor que se podia arranjar era um voo oculto, sem registos, num C-130. Poderia levar 92 paraquedistas militares e respetivo equipamento, tal como era do conhecimento do General, que prestara serviço nas tropas paraquedistas antes de ser chamado pelo próprio presidente para a liderança da Polícia Nacional. O problema, segundo explicou ao Claude, era que só a sua família alargada ascendia a 58 elementos. Embora ele não gostasse de alguns, e desprezasse verdadeiramente uns quantos, a Madame jamais lhe perdoaria se não salvasse todos os seus parentes.

E o meu estado-maior, Claude? O General usou do seu inglês preciso e formal. O que será feito dos meus homens? Tanto o General como o Claude olharam de relance para mim. Tentei mostrar-me valente. Apesar de não ser o oficial mais veterano do estado-maior, marcava presença em todas as reuniões do General com os norte-americanos enquanto ajudante de campo e oficial mais versado na cultura norte-americana. Alguns dos meus compatriotas falavam inglês tão bem quanto eu, embora a maioria apresentasse um laivo de sotaque. Porém, quase nenhum era capaz de debater, como eu, os resultados do baseball, o aspeto medonho da Jane Fonda ou os méritos dos Rolling Stones em comparação com os Beatles. Se fechasse os olhos para me ouvir falar, qualquer norte-americano diria que eu era como ele. Aliás, ao telefone, facilmente me tomavam por norte-americano. Em pessoa, o meu interlocutor ficava invariavelmente espantado com a minha aparência e perguntava quase sempre como é que eu aprendera a falar inglês tão bem. Nesta república das jacas que funcionava como uma

concessionária dos Estados Unidos, os Norte-Americanos contavam que eu fosse igual aos milhões de pessoas que não falavam inglês, nem inglês macarrónico, nem inglês com sotaque. Essa expectativa ofendia-me. Daí que estivesse sempre desejoso de mostrar, tanto oralmente como por escrito, o domínio que tinha da língua deles. O meu vocabulário era mais lato, a minha gramática mais precisa, do que os de um norte-americano com uma educação média. Era capaz de ir dos graves aos agudos, não tendo por isso dificuldade em compreender a caracterização que o Claude fez do embaixador como sendo um «banana» e um «nojento» que «só metia argoladas» e que estava em negação quanto à queda iminente da cidade. Oficialmente não há evacuação, disse o Claude, pois tão cedo não vamos bater em retirada.

O General, que quase nunca levantava a voz, levantou-a. Oficiosamente, vocês estão a abandonar-nos, gritou. Partem aviões do aeroporto dia e noite. Todos os que trabalham com norte-americanos pretendem um visto de saída. Dirigem-se à vossa embaixada para obter esses vistos. Vocês já retiraram as vossas mulheres. Já retiraram bebés e órfãos. Como é que as únicas pessoas que não sabem que os norte-americanos estão a bater em retirada são os próprios norte-americanos? O Claude teve a decência de se mostrar atrapalhado ao explicar que os motins grassariam pela cidade se fosse declarada uma evacuação, virando-se então porventura os seus habitantes contra os norte-americanos ainda presentes. Assim acontecera em Da Nang e em Nha Trang, onde os norte-americanos tinham fugido para salvar a pele deixando os seus habitantes virados uns contra os outros. Porém, apesar desse precedente, o ambiente em Saigão estava estranhamente tranquilo, comportando-se a maioria dos seus habitantes como os participantes num casamento gorado, dispostos a ficarem valentemente agarrados uns aos outros e a afogarem-se desde que ninguém declarasse a verdade adúltera. A verdade, neste caso, era que pelo menos um milhão de pessoas estavam a trabalhar ou trabalharam para os Norte-Americanos numa ou noutra qualidade, desde engraxar-lhes os sapatos e dirigir o exército pensado pelos Norte-Americanos à sua imagem até à realização de sexo oral pelo preço,

em Peoria e Poughkeepsie, de um hambúrguer. Boa parte dessas pessoas acreditava que, se os comunistas vencessem — algo que se recusavam a acreditar que pudesse acontecer —, aquilo que as esperava era a prisão ou um garrote, e, para as virgens, o casamento forçado com os bárbaros. Porque é que não haveria de ser assim? Eram esses os boatos que a CIA andava a difundir.

Ora bem... começava o General, quando o Claude o interrompeu. Conta com um avião e deveria considerar-se sortudo. O General não era de se pôr a mendigar. Terminou o uísque, tal como o Claude, apertou-lhe a mão e despediu-se dele, sem desviar os olhos. Os Norte-Americanos gostavam de olhar as pessoas nos olhos, dissera-me certa vez o General, sobretudo quando as lixavam pelas costas. Não era essa a visão que o Claude tinha da situação. Havia outros generais que só estavam a conseguir lugares para os familiares mais próximos, disse-nos o Claude antes de partir. Nem mesmo Deus ou Noé seriam capazes de salvar toda a gente. Nem o quereriam, fosse como fosse.

Será que não seriam capazes? O que diria o meu pai? Embora ele tivesse sido um padre católico, não me conseguia lembrar de alguma vez o pobre homem do clero ter pregado sermões sobre Noé, ainda que manifestamente eu apenas fosse à missa para me perder em devaneios. Porém, independentemente daquilo que Deus ou Noé fossem capazes de fazer, poucas dúvidas restavam de que todos os elementos do estado-maior do General, se tivessem essa oportunidade, salvariam cem parentes de sangue e também todos os parentes por afinidade que pudessem pagar o suborno. As famílias vietnamitas eram coisas complicadas e delicadas, e, embora em certos momentos eu desejasse ter uma, dado que era filho único de uma mãe ostracizada, este não era um desses momentos.

Nesse mesmo dia, o presidente demitiu-se. Como contava que o presidente abandonasse o país semanas antes, ao jeito próprio de um ditador, mal lhe dispensei um pensamento ao elaborar a lista de gente a retirar. O General era minucioso e obcecado com os pormenores, e estava habituado a tomar decisões rápidas e difíceis, mas decidiu

delegar-me essa tarefa. Andava ocupado com os assuntos inerentes à sua função: ler relatórios matinais sobre interrogatórios, comparecer em reuniões no recinto do Estado-Maior Conjunto, telefonar para os seus confidentes para debaterem uma forma de manterem a cidade ao mesmo tempo que se preparavam para a abandonarem, manobra tão complicada como jogar à dança das cadeiras ao som da canção que mais adoramos. A música ocupava-me o pensamento, pois, enquanto elaborava a lista nas horas noturnas, ouvia a Emissora de Rádio Americana numa aparelhagem *Sony* que tinha no quarto da casa de campo. As canções dos Temptations e da Janis Joplin e do Marvin Gaye costumavam tornar suportáveis as coisas más e maravilhosas as coisas boas, mas não em tempos como estes. Cada risco que fazia com a caneta por cima de um nome assemelhava-se a uma sentença de morte. Os nossos nomes, do oficial mais baixo ao General, tinham sido todos encontrados numa lista que estava a ser enfiada na boca da sua detentora quando lhe arrombámos a porta três anos antes. O aviso que eu enviara ao Man não chegara a ela a tempo. No instante em que os polícias a puseram no chão à força, não tive alternativa senão levar a mão à boca dessa agente comunista e retirar de lá a lista empapada de saliva. A sua existência em massilha provava que havia elementos dos Serviços de Informação, habituados a observar, que andavam a ser observados. Mesmo que tivesse tido um momento a sós com ela, não poderia ter arriscado o meu disfarce dizendo-lhe que estava do seu lado. Eu sabia aquilo que a sorte lhe reservava. Todos davam com a língua nos dentes nas celas de interrogatório dos Serviços de Informação, e ela revelaria o meu segredo ainda que a contragosto. Embora fosse mais nova do que eu, era suficientemente esperta para saber também o que a aguardava. Numa fração de segundo, vislumbrei a verdade nos seus olhos e a verdade era que ela me odiava por causa daquilo que achava que eu era, o agente de um regime opressor. Em seguida, tal como eu, recordou-se do papel que deveria desempenhar. Por favor, senhores!, gritou. Estou inocente! Juro!

Três anos volvidos, essa agente comunista continuava numa cela. Eu mantinha o processo dela em cima da minha secretária,

como recordação da minha incapacidade de a salvar. A culpa foi também minha, segundo dissera o Man. Quando chegar o dia da libertação, hei de ser eu a abrir-lhe a cela. Tinha 22 anos quando foi presa, e do processo constava uma fotografia sua de quando fora detida, e uma outra de poucos meses antes, de olhos emurhecidos e cabelo a ficar ralo. As nossas celas prisionais eram máquinas do tempo que envelheciam os reclusos muito mais depressa do que normalmente aconteceria. Olhar para as caras dela, antes e agora, ajudou-me na tarefa de selecionar uns quantos homens para serem salvos e condenar muitos mais, inclusive alguns de que gostava. Ao longo de vários dias, fiz e refiz a lista enquanto as defesas de Xuan Loc eram aniquiladas e, do outro lado da fronteira, Phnom Penh caía nas mãos do Khmer Vermelho. Daí a algumas noites, o nosso ex-presidente fugiu secretamente para Taiwan. O Claude, que o levou ao aeroporto, reparou no ruído metálico das malas desmesuradamente pesadas do presidente, presumivelmente com um avultado quinhão do ouro do nosso país. Foi isso mesmo que ele me contou na manhã seguinte, quando ligou para me dizer que o nosso avião partiria daí a dois dias. Concluí a minha lista ao início dessa noite, dizendo ao General que optara por ser democrático e representativo, escolhendo a patente mais alta, o oficial que toda a gente achava o mais honesto, aquele cuja companhia mais me agradava, e assim sucessivamente. Ele aceitou a minha argumentação e a sua inevitável consequência, a de que uma série de oficiais superiores com um nível mais elevado de conhecimento e responsabilidade no trabalho dos Serviços de Informação ficaria para trás. O resultado final foi um coronel, um major, um outro capitão e dois tenentes. Quanto a mim, reservei um assento e outros três para o Bon, a sua mulher e o seu filho, o meu afilhado.

Quando nessa noite o General me visitou para exprimir o seu pesar, transportando a garrafa de uísque já a meio, pedi-lhe o favor de levar o Bon connosco. Embora não fosse verdadeiramente meu irmão, era um dos meus dois irmãos de sangue dos tempos da escola. O outro era o Man, tendo os três jurado uma lealdade imorredoura entre nós cortando as palmas adolescentes das mãos e misturando

o sangue em apertos de mão ritualísticos. Eu trazia uma fotografia a preto-e-branco do Bon e da sua família na carteira. O Bon tinha o ar de um tipo bem-parecido que tivesse levado um enxerto de porrada, embora essa fosse simplesmente a cara que Deus lhe dera. Nem mesmo a boina de paraquedista e a farda tigrada, impecavelmente passada a ferro, conseguiam desviar as atenções das suas orelhas semelhantes a paraquedas, o queixo sempre arrumado entre as pregas do pescoço e o nariz achatado e bruscamente curvado para a direita, tal como a sua orientação política. Quanto à mulher, a Linh, talvez um poeta pudesse comparar o seu rosto com a lua cheia de setembro, insinuando não apenas a sua plenitude e redondez como também o facto de se apresentar sarapintado e esburacado, pintalgado com marcas de acne. Era um mistério como é que aqueles dois tinham engendrado um filho tão bonito como o Duc, ou talvez tivesse a mesma lógica simples de dois números negativos darem um número positivo quando multiplicados. O General passou-me a fotografia e disse: É o mínimo que posso fazer. Ele pertence aos paraquedistas. Se o nosso exército fosse só paraquedistas, teríamos vencido esta guerra.

Se... mas não havia se, apenas o facto incontornável do General sentado na beira do meu cadeirão enquanto eu permanecia de pé junto da janela, a sorver o meu uísque. No pátio, os oficiais de dia do General iam confiando punhados de segredos a uma fogueira que ardia num bidão de 200 litros, aquecendo ainda mais a noite. O General levantou-se e pôs-se a deambular pelos meus pequenos aposentos, de copo na mão, envergando apenas os bóxeres e uma camisola interior de alças, com uma sombra noturna de barba por fazer no queixo. Só as empregadas domésticas, a família e eu próprio o víamos assim. A qualquer hora do dia, quando apareciam visitas na casa de campo, ele passava brilhantina pelo cabelo e vestia as suas calças caqui engomadas, o peito engrinaldado com mais fitas do que as que se poderia encontrar no cabelo da vencedora de um concurso de beleza. Nessa noite, todavia, com o sossego da casa apenas pontuado por uma ou outra vozearia de tiros, o General cedia ao queixume frente à promessa dos Norte-Americanos de que iriam salvar-nos

do comunismo se fizéssemos o que nos pedissem. Foram eles que começaram esta guerra e, agora que se fartaram, traíram-nos, disse-me, servindo-me mais uma dose. Mas quem devemos culpar além de nós mesmos? Fomos parvos ao ponto de acharmos que cumpriríamos a palavra dada. Agora não temos para onde ir senão para os Estados Unidos. Há sítios piores, disse eu. Talvez, disse ele. Pelo menos estaremos vivos para voltar a lutar. Mas, por agora, foderam-nos bem e a valer. Qual será o brinde adequado a isso?

As palavras ocorreram-me passado um instante.

Aos olhos raiados de sangue, disse eu.

Isso mesmo.

Não me lembro de quem me ensinou aquele brinde, nem mesmo do seu significado, apenas que o adotei algures durante a temporada que passei nos Estados Unidos. O General também estivera nos Estados Unidos, ainda que apenas por uns meses enquanto oficial subalterno, numa formação dada a um pelotão de camaradas em Fort Benning, em 1958, onde os comandos o vacinaram de vez contra o comunismo. No meu caso, a vacinação não pegou. Eu andava já na vida clandestina, metade aluno bolseiro, metade espião em formação, único representante do nosso povo numa pequena universidade rústica chamada Occidental, cujo lema era *Occidens Proximus Orienti*. Foi aí que na década de 60 passei seis anos idílicos no mundo etéreo e ébrio de sol do Sul da Califórnia. Não era para mim o estudo das autoestradas, dos sistemas de esgotos, nem de outros empreendimentos com igual utilidade. Ao invés, a missão que o Man, meu companheiro de conspiração, me confiou foi aprender a forma de pensar dos Norte-Americanos. A minha guerra era psicológica. Com esse fito, li História e Literatura norte-americanas, aperfeiçoei a minha gramática e absorvi o calão, fumei erva e perdi a virgindade. Em suma, tirei não apenas a licenciatura como também o mestrado, tornando-me especialista em todo o tipo de estudos norte-americanos. Sou ainda capaz de ver com toda a nitidez o local onde li pela primeira vez as palavras do maior filósofo norte-americano, Emerson, num relvado adjacente a uma iridescente mata de jacarandás. A minha atenção dividia-se

entre as universitárias exóticas e trigueiras de top e calções, que se bronzeavam em relvados de junho, e aquelas palavras tão fortes e pretas numa desprotegida página branca: «a consistência é o papão das mentes tacanhas». Emerson nunca escreveu nada de mais verdadeiro acerca dos Estados Unidos, embora não tivesse sido esse o único motivo por que sublinhei aquelas palavras uma, duas, três vezes. O que então me arrebatara, e hoje me espanta, foi que o mesmo poderia ser dito acerca da nossa pátria, onde somos deveras inconsistentes.

Na nossa última manhã, levei o General ao seu gabinete nas instalações da Polícia Nacional. O meu gabinete situava-se no mesmo corredor do do General, e foi para aí que convoquei os cinco oficiais eleitos para um encontro privado, um a um. Vamos partir esta noite?, perguntou o nervosíssimo coronel, de olhos esbugalhados e húmidos. Sim. E os meus pais? Os pais da minha mulher?, perguntou o major, um crapuloso aficionado dos restaurantes chineses de Cholon. Não. Irmãos, irmãs, sobrinhas e sobrinhos? Não. Empregadas e amas? Não. Malas, armários, coleções de porcelana? Não. O capitão, que coxeava ligeiramente por causa de uma doença venérea, ameaçou suicidar-se a menos que eu arranjasse mais lugares. Ofereci-lhe o meu revólver e acobardou-se. Já os sargentos, mostraram-se agradecidos. Tendo conquistado os seus preciosos postos por via de conhecimentos parentais, o seu porte lembrava os solavancos nervosos das marionetas.

Fechei a porta após o último. Quando algumas explosões distantes chocalharam as janelas, vi fogo e fumo a fervilharem a oriente. A artilharia inimiga incendiara o paiol de Long Binh. Sentindo a simultânea necessidade de o lamentar e festejar, recorri à minha gaveta, onde guardava uma garrafa de *Jim Beam* com vários centilitros ainda. Se a coitada da minha mãe ainda fosse viva, diria: Não bebas tanto, filho. Não te vai fazer bem. Mas será que não pode fazer bem, mãe? Quando damos por nós numa situação difícil como aquela em que me encontrava, uma toupeira metida no estado-maior do General, procuramos consolo onde quer que possamos encontrá-lo. Terminei o uísque e fui de carro até casa do General debaixo de um

temporal, com aquela água amniótica a espalhar sobre a cidade uma amostra da estação que se aproximava. Havia quem esperasse que a monção pudesse abrandar o avanço das divisões a norte, algo que me parecia improvável. Dispensei o jantar e arrumei na mochila os produtos de higiene pessoal, um par de chinos e uma camisa de madraço comprada num J. C. Penney em Los Angeles, mocassins, três mudas de roupa interior, uma escova de dentes elétrica da feira da ladra, uma fotografia emoldurada da minha mãe, envelopes com fotografias de cá e dos Estados Unidos, a minha máquina *Kodak* e *O Comunismo Asiático e o Modo de Destruição Oriental*.

A mochila tinha sido uma prenda do Claude, oferecida em homenagem à minha formatura. Era a coisa mais bonita que eu tinha, podendo ser usada às costas ou, enfiando uma tira aqui e ali, transformada numa pequena mala de mão. Fabricada num couro castanho e maleável por um apreciado fabricante da Nova Inglaterra, a mochila cheirava abundante e misteriosamente a folhas outonais, lagosta grelhada e ao suor e esperma dos colégios internos de rapazes. Tinha um monograma gravado de lado com as minhas iniciais, embora a característica mais especial fosse o fundo falso. Todos deviam ter um fundo falso na bagagem, dissera o Claude. Nunca se sabe quando vai dar jeito. Sem que ele soubesse, serviu para esconder a minha mínima máquina *Minox*. O preço da *Minox*, uma prenda do Man, equivalia a algumas vezes o meu salário anual. Era a máquina que eu usara para fotografar certos documentos secretos aos quais tivera acesso, e achei que talvez pudesse voltar a dar-me jeito. Por último, pus-me a procurar entre o resto dos meus livros e discos, a maioria deles comprada nos Estados Unidos e apresentando todos as dedadas da memória. Não tinha espaço para o Elvis ou o Dylan, para o Faulkner ou o Twain, e, embora pudesse substituí-los, foi com o peito oprimido que inscrevi o nome do Man na caixa com os livros e os discos. Eram peso a mais, tal como a minha guitarra, que exibia as suas ancas roliças e acusadoras na minha cama quando parti.

Acabei de arrumar as minhas coisas e pedi emprestado o *Citroën* para ir ao encontro do Bon. Nos postos de controlo, a polícia militar

fazia-me sinal para passar assim que via as estrelas do General no automóvel. O meu destino ficava do lado de lá do rio, um curso de água deplorável e debruado a barracas de refugiados rurais, cujas casas e quintas tinham sido obliteradas por soldados pirómanos e incendiários chapados que descobriam a sua verdadeira vocação no lançamento de bombas. Para lá dessa extensão desordenada de choupanas, nas profundezas do Distrito Quatro, o Bon e o Man aguardavam num jardim da cerveja onde os três passáramos mais horas de bebedeira do que a memória me permitia lembrar. As mesas estavam apinhadas de soldados e fuzileiros, com as espingardas debaixo do banco, cabelo cortado à escovinha por sádicos barbeiros militares desejosos de revelar os contornos dos seus crânios com um nefando intuito frenológico. O Bon serviu-me um copo de cerveja assim que me sentei, não permitindo que o bebesse enquanto não fizesse um brinde. Ao reencontro, disse, erguendo o próprio copo. Voltaremos a encontrar-nos nas Filipinas! Eu disse que afinal teria de ser em Guam, pois o ditador Marcos estava farto de refugiados e deixara de os aceitar. Soltando um grunhido, o Bon esfregou o copo na testa. Achei que não podia piorar, disse. Mas de repente vamos ter de levar com filipinos a torcerem-nos o nariz? Esquece lá os filipinos, disse o Man. Vamos antes brindar a Guam. Consta que é lá que nasce o dia nos Estados Unidos. E o nosso dia termina, murmurou o Bon.

Ao contrário de mim e do Man, o Bon era um verdadeiro patriota, um republicano que se oferecera como voluntário para combater e que odiava os comunistas desde que o dirigente local instigara o seu pai, o chefe da aldeia, a ajoelhar-se no largo da povoação e a confessar-se para então lhe enfiar violentamente uma bala atrás da orelha. Por sua vontade, o mais certo era o Bon tornar-se japonês para combater até ao fim ou encostar uma pistola à cabeça, o que fez com que eu e o Man o tivéssemos convencido a pensar na mulher e no filho. Partir para os Estados Unidos não era uma deserção, afirmámos. Tratava-se de um recuo estratégico. Disséramos ao Bon que o Man também iria fugir com a família no dia seguinte, quando na realidade o Man

iria ficar para assistir à libertação do Sul pelos comunistas do Norte que o Bon tanto desprezava. O Man, que lhe apertava agora o ombro com dedos compridos e delicados, disse: Somos irmãos de sangue, nós os três. Havemos de ser irmãos de sangue mesmo que percamos esta guerra, mesmo que percamos o nosso país. Olhou para mim e tinha os olhos aguados. Para nós não há fim.

Tens razão, disse o Bon, abanando vigorosamente a cabeça para disfarçar as lágrimas que tinha nos olhos. Chega de tristeza e melancolia. Brindemos à esperança. Havemos de regressar para recuperar o nosso país. Certo? Também ele olhou para mim. Eu não me envergonhava das lágrimas que tinha nos meus próprios olhos. Aqueles tipos eram melhores do que quaisquer irmãos reais que eu pudesse ter tido, pois escolheramo-nos uns aos outros. Ergui o copo de cerveja. Ao regresso, disse. E a uma fraternidade que nunca acaba. Esvaziámos os copos, berrámos a pedir mais uma rodada, pusemos os braços nos ombros uns dos outros e entregámo-nos a uma hora de amor fraternal e cantoria, sendo a música fornecida por um duo que estava na outra ponta do jardim. O guitarrista era um refratário de cabelos compridos, de uma lividez extrema por ter vivido os últimos dez anos entre as paredes da casa do proprietário do bar durante o dia, apenas saindo à noite. A sua parceira de canto era uma mulher que também tinha os cabelos compridos, com uma voz melíflua e uma silhueta esguia, delineada por um *ao dai* de seda, da cor do rubor de uma virgem. Ia cantando as letras do Trinh Cong Son, esse cantor popular que até os paraquedistas adoravam. «Partirei amanhã, querida...» A voz dela sobrepunha-se à conversa e à chuva. «Não te esqueças de me ligar...» O meu coração estremeceu. Não éramos gente para arremeter guerra adentro a toque de corneta ou trompete. Não, combatíamos ao som das canções de amor, pois éramos os italianos da Ásia.

«Partirei amanhã, querida. As noites da cidade perderam a sua beleza...» Se o Bon soubesse que aquela era a última vez que veríamos o Man por muitos anos, talvez para sempre, jamais poria o pé no avião. Desde os tempos do liceu que nos imaginávamos como os Três Mosqueteiros, um por todos e todos por um. O Man apresentara-nos

ao Dumas: primeiro, porque era um grande romancista, e, em segundo lugar porque, tinha um quarto de ascendência negra. Logo, era para nós um modelo, colonizado pelos mesmos Franceses que o desprezavam por causa da sua linhagem. Leitor ávido e um contador de histórias, era provável que o Man se tivesse tornado professor de Literatura no nosso liceu se tivéssemos vivido em tempos de paz. Além de ter traduzido três dos policiais de Perry Mason escritos por Erle Stanley Gardner para a nossa língua materna, escrevera também um pouco memorável romance zolaesco sob pseudónimo. Estudara os Estados Unidos sem nunca lá ter estado, tal como acontecia com o Bon, que pediu mais uma rodada e perguntou se nos Estados Unidos haveria jardins de cerveja. Há bares e supermercados onde se pode sempre comprar cerveja, disse eu. Mas haverá mulheres lindas que cantem canções assim?, perguntou ele. Enchi-lhe novamente o copo e disse: Mulheres lindas há, só que não cantam canções assim.

Nisto, o guitarrista começou a arranhar os acordes de outra canção. Cantam canções assim, disse o Man. Era a *Yesterday* dos Beatles. Quando os três nos pusemos a cantar, marejaram-se-me os olhos. Como seria viver num tempo em que o nosso destino não fosse a guerra, em que não fôssemos governados por cobardes e corruptos, em que o nosso país não fosse um caso perdido apenas mantido com vida através do soro intravenoso do auxílio norte-americano? Tirando os meus irmãos de sangue, não conhecia nenhum daqueles jovens soldados que estavam à minha volta e, no entanto, confesso que senti pena de todos, imersos na noção de que daí por dias estariam mortos, ou feridos, ou presos, ou humilhados, ou abandonados, ou esquecidos. Eram meus inimigos e, no entanto, eram também irmãos de armas. A cidade que amavam estava prestes a sucumbir, ao passo que a minha estava prestes a ser libertada. Era o fim do mundo deles, mas apenas uma mudança de mundos para mim. Foi assim que durante dois minutos cantámos plenos de sentimento, apenas tateando o passado e desviando o olhar do futuro, nadadores a nadarem de costas rumo a uma cascata.

*

A chuva parou finalmente no momento em que nos fomos embora. Estávamos a fumar um último cigarro no limiar da viela húmida e gotejante que era a saída do jardim de cerveja quando um trio de fuzileiros hidrocefalos surgiu aos tropeções da escuridão vaginal. «Linda Saigão!», cantavam. «Oh, Saigão! Oh, Saigão!» Embora fossem apenas seis da tarde, vinham inebriados, com as fardas sujas de cerveja. Traziam todos uma M16 pendurada ao ombro e todos exibiam um par de testículos a mais. Testículos esses que, após um exame mais minucioso, eram afinal duas granadas presas de ambos os lados das fivelas dos cintos. Embora os uniformes, as armas e os capacetes fossem todos de fabrico norte-americano, tal como os nossos, era impossível tomá-los por norte-americanos, denunciados pelos capacetes amolgados, tachos de aço dimensionados para as cabeças norte-americanas que a todos nos ficavam largos. A cabeça do primeiro fuzileiro bamboleou para um lado e para o outro antes de chocar contra mim, momento em que ele soltou uma asneira, com a aba do capacete a cair-lhe por completo para o nariz. Quando empurrou a aba para cima, vi uns olhos congestionados a tentarem focar. Olá!, disse ele, com um hálito fedorento e um sotaque do Sul tão carregado que tive dificuldade em compreendê-lo. O que vem a ser isto? Um polícia? O que é que andas a fazer com soldados a sério?

O Man deitou-lhe cinzas para cima. Este polícia é um capitão. Bata a continência ao seu superior, tenente.

O segundo fuzileiro, também ele tenente, disse: Seja feita a sua vontade, Major, ao que o terceiro fuzileiro, tenente também, disse: Que se lixem os majores e os coronéis e os generais. O presidente deu à sola. Os generais: puf! Como o fumo. Desapareceram. Salvaram o próprio canastro como sempre. Adivinhem lá. Ficámos cá nós para dar cobertura à retirada. Como sempre. Qual retirada?, disse o segundo fuzileiro. Não há para onde ir. O terceiro concordou: Estamos mortos. É como se estivéssemos mortos, disse o primeiro. A nossa função é estarmos mortos.

Deitei fora o cigarro. Vocês ainda não estão mortos. O melhor é voltarem para os vossos postos.

O primeiro fuzileiro concentrou-se novamente na minha cara, aproximando-se um passo até ter o nariz quase colado ao meu. O que é que tu és?

Tenente, está a passar das marcas!, gritou o Bon.

Eu digo-te o que é que tu és. O fuzileiro espetou-me o dedo no peito.

Não digas, disse eu.

Um bastardo!, gritou ele. Os outros dois fuzileiros riram-se e juntaram-se à festa. Um bastardo!

Saquei do revólver e encostei o cano entre os olhos do fuzileiro. Mais atrás, os amigos tatearam nervosamente as espingardas, mas ficaram-se por aí. Estavam embotados, embora não ao ponto de acharem que conseguiriam sacar mais depressa do que os meus amigos mais sóbrios.

Está bêbedo, não está, Tenente? Contra a minha vontade, tremeu-me a voz.

Estou, disse o fuzileiro. Meu capitão.

Nesse caso, não lhe vou dar um tiro.

Foi então, para meu enorme alívio, que ouvimos a primeira bomba. As cabeças de todos rodaram na direção da explosão, à qual se seguiu outra e outra, a noroeste. É no aeroporto, disse o Bon. Bombas de 230 quilos. Viria a estar certo em ambos os casos. Do local onde nos encontrávamos, não conseguimos ver nada senão, daí por uns segundos, colunas ondulantes de fumo negro. Depois, a sensação foi a de que tinham sido disparadas todas as armas que havia na cidade, desde a baixa até ao aeroporto, a artilharia ligeira a soltar um tá-tá-tá e a artilharia pesada a soltar um pum-pum-pum, saraivadas de balas tracejantes cor de laranja a voltearem rumo ao céu. A chinfrineira atraiu todos os habitantes daquela rua miserável para as janelas e soleiras de porta, e eu enfiei o revólver no coldre. Invididos também pela sobriedade da presença de testemunhas, os tenentes fuzileiros treparam para dentro do jipe sem dizerem uma palavra e arrancaram rua fora aos ziguezagues entre um punhado de motas até chegarem ao cruzamento. O jipe travou então até se imobilizar e os fuzileiros saíram atabalhoadamente de M16 na mão, enquanto as

explosões prosseguiam e os civis atulhavam os passeios. O meu ritmo cardíaco acelerou no instante em que os fuzileiros nos fulminaram com o olhar sob a luz biliosa de um lampião, mas limitaram-se a apontar para o céu, berrando e gritando ao mesmo tempo que iam disparando as armas até terem esvaziado os cartuchos. Embora com o coração aos pulos e suor a escorrer-me pelas costas, sorri ao pensar nos meus amigos e acendi outro cigarro.

Idiotas!, gritou o Bon enquanto os civis se agachavam nas soleiras das portas. Os fuzileiros chamaram-nos uns quantos nomes da sua predileção antes de se meterem novamente no jipe, dobraram a esquina e esfumaram-se. Eu e o Bon despedimo-nos do Man e, após ele ter partido no seu próprio jipe, atirei as chaves para as mãos do Bon. As bombas e o tiroteio tinham cessado e ele foi o caminho todo até ao seu apartamento a jurar que ia matar todo o corpo de fuzileiros, ao volante do *Citroën*. Eu mantive-me calado. Não se contava com os fuzileiros para terem boas maneiras à mesa. Contava-se com eles para terem as intuições certas em situações de vida ou morte. Quanto ao nome que me chamaram, incomodou-me menos do que a reação que tive. Já deveria estar habituado àquele nome malparido, mas inexplicavelmente não era assim. A minha mãe era autóctone, o meu pai era estrangeiro, e desde a minha infância que os desconhecidos e os pouco conhecidos apreciavam lembrar-me disso, cuspiendo-me e chamando-me bastardo, embora por vezes, para variar, me chamassem bastardo antes de me cuspirem.

CAPÍTULO 2

Ainda agora, o guarda imberbe que vem saber de mim todos os dias chama-me bastardo quando lhe dá para isso. É algo que já quase não me surpreende, embora esperasse melhor dos seus homens, meu caro Comandante. Confesso que o nome ainda me magoa. Talvez, para variar, me pudesse chamar rafeiro ou arraçado, como já aconteceu no passado. E que tal *métis*, que é o que os Franceses me chamavam quando não me chamavam eurasiático? Esta última palavra conferia-me uma capa romântica junto dos Norte-Americanos, embora não me valesse de nada junto dos próprios Franceses. Ainda me cruzava periodicamente com eles em Saigão, esses colonizadores nostálgicos que insistiam teimosamente em ficar neste país mesmo após o seu império ter sido alvo de despejo. Le Cercle Sportif era o local onde se juntavam, sorvendo *Pernod* enquanto mastigavam o bife tártaro de memórias que tinham acontecido em ruas de Saigão que designavam pelos seus antigos nomes franceses: Boulevard Norodom, Rue Chasseloup-Laubat, Quai de l'Argonne. Mandavam na criadagem com a arrogância dos novos-ricos e, quando eu aparecia, miravam-me com os olhos desconfiados dos guardas fronteiriços enquanto verificam passaportes.

No entanto, não é deles a invenção dos Eurasiáticos. O mérito tem de ser reconhecido aos ingleses da Índia, que também acharam impossível não dar uma trinca no chocolate preto. Na senda desses anglos de capacete colonial, as Forças Expedicionárias Americanas no Pacífico não foram capazes de resistir às tentações das gentes locais. Também elas fabricaram um neologismo para descrever

a minha raça, os Amerasiáticos. Embora seja um nome errado quando aplicado à minha pessoa, dificilmente poderia levar a mal aos Norte-Americanos tomarem-me por um dos seus, dado que seria possível fundar uma pequena nação com base na prole tropical dos GI norte-americanos. GI quer dizer *Government Issue*¹, que é igualmente o que os Amerasiáticos são. Os nossos compatriotas preferiram os eufemismos às siglas, chamando a pessoas como eu o pó da vida. Mais tecnicamente, o Dicionário de Inglês de Oxford que consultei na Occidental revelou que eu poderia ser designado como um «filho natural», ao passo que a lei de todos os países que conheço me saúda como seu filho ilegítimo. A minha mãe chamava-me filho adorado, ainda que não me agrade andar a repisar tal facto. No fim de contas, o meu pai é que tinha razão. Ele que não me chamava nada.

Não admira, portanto, que eu me sentisse próximo do General, o qual, à semelhança dos meus amigos Man e Bon, nunca escarneckia da minha ascendência baralhada. Ao escolher-me para fazer parte do seu estado-maior, o General disse: A única coisa que me interessa é se é bom naquilo que faz, ainda que aquilo que lhe peça para fazer possa não ser bom. Dei por mais de uma vez provas da minha competência; aquela evacuação não era senão a última demonstração da minha capacidade para explorar a estreita linha entre a legalidade e a ilegalidade. Os homens estavam escolhidos, os autocarros combinados e, mais importante do que isso, os subornos para uma viagem segura tinham sido atribuídos. Eu pagara os subornos a partir de uma sacola com 10 mil dólares requisitada junto do General, que submetera o pedido à Madame. Trata-se de uma quantia extraordinária, disse-me ela entre uma chávena de chá *oolong* no seu salão. São tempos extraordinários, disse eu. Mas por atacado é uma pechincha para 92 pessoas retiradas. Ela não tinha como discordar, tal como poderia atestar qualquer pessoa que encostasse os ouvidos às vias férreas dos mexericos da cidade. Esse ruído surdo informava que o preço de vistos,

¹ Fornecimento do Governo. [N. do T.]

passaportes e lugares em aviões no âmbito da evacuação chegava a vários milhares de dólares, consoante o pacote escolhido e o nível pessoal de histeria. Porém, antes mesmo de se pagar um suborno, havia que ter acesso a conspiradores disponíveis. No nosso caso, a minha solução foi um major sórdido com o qual encetara uma amizade no Pink Nightclub, em Nguyen Hue. Com ele a gritar para se fazer ouvir entre o estrondo psicadélico dos CBC ou as batidas *pop* dos Uptight, fiquei a saber que era o oficial de serviço no aeroporto. A troca de uma gratificação relativamente modesta de mil dólares, informou-me quais os guardas que estariam no aeroporto aquando da nossa partida, e onde poderia encontrar o tenente dos mesmos.

Com tudo isso tratado, e após eu e o Bon termos ido buscar a sua mulher e o seu filho, reunimo-nos para a partida às sete horas. Dois autocarros azuis aguardavam junto dos portões da casa de campo, com as janelas revestidas a grelhas de arame nas quais teoricamente ressaltariam as granadas dos terroristas, a menos que fossem foguetes, caso em que dependeríamos da blindagem das preces. Enquanto as famílias ansiosas esperavam no pátio da casa de campo, a Madame estava nas escadas da casa com o pessoal doméstico. Os seus filhos melancólicos estavam sentados no banco de trás do *Citroën*, com um semblante inexpressivo e diplomático enquanto observavam o Claude e o General a fumarem à frente dos faróis do carro. Com o manifesto de passageiros na mão, pedi aos homens e às suas famílias que avançassem, assinalando os seus nomes e encaminhando-os para os autocarros. Tal como tinham sido instruídos, cada adulto e adolescente não levava mais do que uma pequena mala, seguindo algumas das crianças agarradas a cobertores finos ou bonecos de alabastro, com sorrisos fanáticos estampados nos rostos ocidentais. O Bon foi o último, guiando a Linh pelo cotovelo, ela que por sua vez ia de mão dada com o Duc. O miúdo, que tinha por um triz a idade certa para caminhar com confiança, levava a outra mão enovelada em torno de um ioiô amarelo que eu lhe dera como lembrança dos Estados Unidos. Bati a continência ao rapaz

e ele, com um esgar de concentração, parou para se desprender da mão da mãe e bater-me a continência também. Estão todos, disse eu ao General. Então está na hora de irmos, disse ele, esmagando o cigarro sob o calcanhar.

O último dever do General era despedir-se do mordomo, do cozinheiro, da empregada, bem como de um trio de amas púberes. Alguns tinham rogado para serem levados, mas a Madame manteve-se firme na sua recusa, já convicta da sua excessiva generosidade ao pagar a viagem dos oficiais do General. Estava certa, naturalmente. Eu sabia de pelo menos um general que, perante a oferta de lugares para o seu estado-maior, os vendeu a quem desse mais. A Madame e a criadagem choravam todos agora, à exceção do geriátrico mordomo, que envergava um plastrão roxo atado à volta do pescoço com bócio. Iniciara como ordenança o tempo que passou junto do General quando este era um mero tenente, ambos às ordens dos Franceses durante a temporada no inferno que cumpriram em Dien Bien Phu. Parado ao fundo das escadas, o General não era capaz de cruzar os olhos com os do velhote. Peço desculpa, disse, de cabeça pendida e nua, com o boné na mão. Foi a única vez que o ouvi a desculpar-se a alguém que não a Madame. Prestou-nos um bom serviço e não estamos a prestar-lhe um bom serviço. Mas nenhum de vós irá sofrer. Levem o que quiserem da casa e vão-se embora. Se alguém perguntar, neguem que me conhecem ou que chegaram a trabalhar para mim. No que me diz respeito, juro-vos que jamais desistirei de lutar pelo nosso país! Quando o General começou a chorar, passei-lhe o meu lenço. No silêncio que se seguiu, o mordomo disse: Tenho uma coisa a pedir-lhe, senhor. O que é, caro amigo? A sua pistola, para me poder matar! O General abanou a cabeça e enxugou os olhos ao lenço. Não fará tal coisa. Vá para casa e espere pelo meu regresso. Dar-lhe-ei então uma pistola. Quando o mordomo ia para bater a continência, o General estendeu-lhe ao invés a mão. Digam o que disserem hoje em dia acerca do General, só posso atestar que era um homem sincero que acreditava em tudo o que dizia, mesmo que fosse uma mentira, o que não o torna assim tão diferente da maioria das pessoas.

A Madame distribuiu por cada elemento do pessoal um envelope com dólares, cuja espessura se ajustava à sua posição. O General devolveu-me o lenço e acompanhou a Madame até ao *Citroën*. Nesta última viagem, o General encarregar-se-ia ele próprio do volante revestido a cabedal e encabeçaria os dois autocarros até ao aeroporto. Eu fico com o segundo autocarro, disse o Claude. Fica com o primeiro e vê se o motorista não se perde. Antes de embarcar, parei junto dos portões para lançar uma última olhadela à casa de campo, cuja existência se devia às artes mágicas dos proprietários corsos de uma plantação de borracha. Um tamarindo colossal encimava os beirais do telhado, com os cachos compridos e nodosos do seu fruto amargo pendurados como os dedos dos mortos. O pessoal fiel mantinha-se ainda no proscénio ao cimo das escadas. Quando me despedi com um aceno, acenaram-me respeitosamente também, segurando na outra mão os tais envelopes brancos que, ao luar, se tinham tornado bilhetes para lado nenhum.

O trajeto da casa de campo até ao aeroporto era tão descomplicado como tudo o mais em Saigão, ou seja, não era nada descomplicado. Virava-se à direita à saída dos portões descendo a Thi Xuan, depois à esquerda na Le Van Quyet, à direita na Hong Thap Tu rumo às embaixadas, à esquerda na Pasteur, novamente à esquerda na Nguyen Dinh Chieu, à direita na Cong Ly, e depois era sempre em frente até ao aeroporto. Porém, em vez de virar à esquerda na Le Van Quyet, o General virou à direita. Está a ir no sentido errado, disse o meu motorista, que tinha os dedos amarelecidos pela nicotina e unhas perigosamente afiadas. Vá atrás dele, disse eu. Ia de pé no vão da entrada, com as portas escancaradas para deixar entrar o ar fresco da noite. No primeiro banco atrás de mim iam o Bon e a Linh, com o Duc debruçado para a frente no colo da mãe de maneira a espreitar por cima do meu ombro. As ruas estavam desertas; segundo a rádio, tinha sido declarado um recolher obrigatório de 24 horas devido ao ataque ao aeroporto. Os passeios estavam quase igualmente vazios, apenas assombrados por um ou outro conjunto de

uniformes despidos pelos desertores. Em certos casos, o equipamento estava de tal forma bem amontoado, com o capacete em cima da camisa e as botas debaixo das calças, que parecia ter sido uma arma de raios a fazer evaporar o proprietário. Numa cidade em que nada se desperdiçava, ninguém tocava naqueles uniformes.

O meu autocarro levava pelo menos alguns soldados à paisana, embora o resto dos parentes por afinidade e primos do General fossem sobretudo mulheres e crianças. Os passageiros murmuravam entre si, queixando-se disto ou daquilo, algo que eu ignorava. Mesmo que dessem por si no paraíso, os nossos compatriotas arranjariam vagar para comentar que não era tão quente como o inferno. Porque é que ele está a fazer este caminho?, disse o motorista. O recolher obrigatório! Vamos todos levar com tiros, ou pelo menos vamos ser presos. O Bon suspirou e abanou a cabeça. O General é ele, disse, como se isso explicasse tudo, e explicava. Ainda assim, o motorista continuou a queixar-se ao passarmos pelo mercado central e ao virarmos para a Le Loi, só se calando quando o General finalmente parou na Praça Lam Son. Diante de nós estava a fachada grega da Assembleia Nacional, que outrora tinha sido a ópera da cidade. Era dali que os nossos políticos geriam a vil e cómica opereta do nosso país, uma caricatura desafinada e protagonizada por divas rechonchudas de fato branco e prima-donas de bigode com uniformes militares feitos à medida. Inclinando-me para a rua e olhando para cima, vi as janelas acesas do bar do telhado do Hotel Caravelle, ao qual acompanhara bastas vezes o General para uns aperitivos e entrevistas com jornalistas. As varandas proporcionavam uma visão inigualável de Saigão e arredores, e desprendia-se delas um riso sumido. Seriam os repórteres estrangeiros, prontos para tirarem a temperatura à cidade no seu estertor da morte, bem como os adidos das nações não alinhadas, a observarem o paiol de Long Binh a brilhar no horizonte por entre borbotões de balas tracejantes na noite.

Sobreveio-me o desejo de disparar uma bala na direção daquele riso, só para animar a noite alheia. Quando o General saiu do carro, julguei-o levado pelo mesmo impulso, só que ele virou-se para

o outro lado, não para a Assembleia Nacional, mas para o monumento medonho que se erguia na erva do separador central da Le Loi. Arrependi-me de ter guardado a *Kodak* na mochila e não no bolso, pois teria apreciado tirar uma fotografia do General a cumprimentar os dois fuzileiros compactos que arremetiam em frente, seguindo o herói da retaguarda com considerável e atento interesse no traseiro do camarada. Enquanto o Bon batia a continência diante do monumento aos mortos, a par de todos os homens que iam no autocarro, eu não parava de me interrogar se aqueles fuzileiros estariam a proteger as pessoas que deambulavam sob o seu olhar num dia soalheiro ou se, tão provável quanto isso, estariam a atacar a Assembleia Nacional para a qual as suas metralhadoras apontavam. Porém, no momento em que um dos passageiros do autocarro fungou e também eu bati a continência, pareceu-me que o significado não seria assim tão ambíguo. A nossa força aérea bombardeara o palácio presidencial, o nosso exército alvejara e esfaqueara mortalmente o nosso primeiro presidente e o seu irmão, e os nossos conflituosos generais tinham fomentado mais golpes de Estado do que eu era capaz de contar. Após a décima intentona, aceitei o estado absurdo do nosso Estado num misto de desespero e raiva, para além de uma pitada de humor, um cocktail sob cuja influência renovei as minhas promessas revolucionárias.

Satisfeito, o General meteu-se novamente no *Citroën* e a coluna voltou a avançar, atravessando o cruzamento com a Tu Do, uma via de sentido único que desembocava e saía da praça. Tive um último vislumbre do Café Givral, onde saboreara gelados de baunilha francesa nas minhas saídas com dignas raparigas de Saigão e suas tias mumificadas que serviam de pau de cabeleira. A seguir ao Givral ficava o Café Brodard, onde eu cultivava o meu gosto por crepes salgados esforçando-me ao máximo por ignorar o desfile de indigentes que passavam a coxear e a mancar. Os que tinham mãos punham-nas em concha para as esmolas, os que não tinham mãos seguravam a pala do boné de basebol entre os dentes. Os amputados militares agitavam mangas vazias como aves desprovidas de voo, os velhos pedintes mudos cravavam em nós olhos de serpente, os garotos de

rua contavam patranhas acerca das condições lastimosas em que viviam, as jovens viúvas embalavam bebês resmungões que talvez tivessem alugado e variadíssimos aleijados exibiam todas as enfermidades indesejáveis que se possa imaginar. Mais para norte, na Tu Do, ficava a discoteca onde eu passara várias noites a dançar o chachachá com raparigas de minissaia e o último grito em saltos altos para dar cabo das plantas dos pés. Era a rua onde outrora os imperiosos franceses alojavam as suas privilegiadas amantes, sucedidos pelos norte-americanos mais reles que pintavam a manta em bares sórdidos como o San Francisco, o New York e o Tennessee, nomes escritos a néon, máquinas de discos carregadas de música *country*. Quem se sentisse culpado após um final de noite debochado podia seguir aos tombos para norte, rumo à basílica de tijolos ao fundo da Tu Do, local para onde o General nos levou através da Hai Ba Trung. Diante da basílica erguia-se a estátua branca de Nossa Senhora, mãos abertas em sinal de paz e perdão, olhar abatido. Embora ela e o seu filho Jesus Cristo estivessem prontos para acolher todos os pecadores da Tu Do, os seus presumidos penitentes e sacerdotes — contando-se entre eles o meu pai — repeliavam-me com frequência. Portanto, era sempre na basílica que eu combinava encontrar-me com o Man para os nossos assuntos clandestinos, saboreando ambos esse logro de nos contarmos entre os fiéis. Apesar de fazermos a genuflexão, na realidade éramos ateus que tinham preferido o comunismo a Deus.

Encontrávamo-nos nas tardes de quarta-feira, com a basílica vazia à exceção de uma mão-cheia de beatas austeras, cabeças amortalhadas em mantilhas de renda ou lenços negros enquanto entoavam «Pai Nosso que estais no Céu, santificado seja o Vosso nome...» Embora eu tivesse deixado de rezar, a minha língua não evitava sacudir-se levada por aquelas velhas. Eram rijas como soldados de infantaria, impassivelmente sentadas durante as apinhadas missas de fim de semana nas quais por vezes os doentes e os mais velhos desfaleciam com o calor. Éramos demasiado pobres para haver ar condicionado, mas os golpes de calor não passavam de mais uma forma de exprimir a fortaleza religiosa. Seria difícil encontrar católicos mais devotos

do que os de Saigão, a maioria dos quais, à semelhança de mim e da minha mãe, já fugira uma vez dos comunistas em 1954 (sem que o meu ser de nove anos tivesse voto na matéria). O Man, um ex-católico como eu, achava graça a ser a igreja o ponto de encontro. Enquanto nos fingíamos oficiais devotos para os quais não chegava a missa uma vez por semana, eu confessava-lhe os meus fracassos políticos e pessoais. Ele, por sua vez, fazia de meu confessor, segredando-me as absolvições na forma de missões em lugar de preces.

Estados Unidos?, disse eu.

Estados Unidos, confirmou ele.

Eu, que lhe falara do plano de evacuação do General assim que fiquei a par do mesmo, fui informado da minha nova incumbência nessa última quarta-feira na basílica. Era uma missão que me tinha sido atribuída pelos seus superiores, embora eu não soubesse quem eles eram. Era mais seguro assim. Tinha sido esse o nosso sistema desde os tempos do liceu, em que seguíamos secretamente uma via por intermédio de um grupo de estudo enquanto o Bon percorria abertamente um caminho mais convencional. O grupo de estudo tinha sido ideia do Man, uma célula de três elementos constituída por mim, ele e um outro colega de turma. O Man era o líder, orientava a nossa leitura dos clássicos revolucionários e ensinava-nos os princípios da ideologia do Partido. Nessa época, eu sabia que o Man fazia parte de uma outra célula na qual era o elemento mais novo, ainda que as identidades dos restantes elementos fossem para mim um mistério. Tanto o sigilo como a hierarquia eram fundamentais para a revolução, dizia-me o Man. Daí que houvesse um outro comité acima dele para os mais empenhados, e acima desse um outro comité para os mais empenhados ainda, e assim sucessivamente até chegarmos supostamente ao próprio Tio Ho, pelo menos enquanto foi vivo, o homem mais empenhado de sempre, aquele que afirmara que «Nada é mais valioso do que a independência e a liberdade». Palavras pelas quais estávamos dispostos a dar a vida. Este tipo de linguagem, bem como a conversa dos grupos de estudo, dos comités e dos partidos, era natural para o Man, que herdara o gene revolucionário

de um tio-avô que tinha sido obrigado pelos Franceses a combater na Europa durante a Primeira Guerra Mundial. Era coveiro, e nada move mais um súbdito colonizado do que ver homens brancos, nus e mortos, dizia o tio-avô, ou assim me contou o Man. Esse tio-avô enterrara as mãos nas suas vísceras rosadas e viscosas, inspeccionara à vontade as suas curiosas pilas flácidas e tivera vômitos ao ver os ovos mexidos e putrefactos dos seus cérebros. Enterrava-os aos milhares, jovens valentes que tinham sido enredados nos panegíricos urdidos por políticos aracnídeos, e essa noção de que a França guardara os melhores para o seu próprio solo foi-se infiltrando lentamente pelos capilares da sua consciência. Os médiocres tinham sido despachados para a Indochina, permitindo assim a França munir as suas burocracias coloniais com os rufias de recreio, os inadaptados dos clubes de xadrez, os contabilistas natos e as encahadas inseguras, gente que o tio-avô topava agora no seu habitat original como os marginais e falhados que eram. E, bufava o tio-avô, esses dispensados eram as pessoas que nos ensinavam a concebê-las como semideuses brancos? O seu anticolonialismo radical viu-se potenciado ao apaixonar-se por uma enfermeira francesa, uma trotskista que o convenceu a alistar-se nos comunistas franceses, os únicos que propunham uma resposta adequada à Questão da Indochina. Por ela, engoliu o chá preto do exílio. Acabariam os dois por ter uma filha e, ao entregar-me uma tira de papel, o Man sussurrou-me que ela ainda lá estava, a sua tia. Na tira de papel vinha o nome dela e a sua morada no décimo terceiro bairro de Paris, essa companheira de viagem que nunca se juntara ao Partido Comunista, sendo por isso improvável que estivesse a ser vigiada. Duvido que consigas enviar cartas para casa, pelo que ela fará de intermediária. É uma costureira com três gatos siameses, sem filhos nem credenciais suspeitas. É para aí que vais enviar as cartas.

Ao passar o dedo por essa tira de papel, recordei o cenário cinematográfico que preparara, aquele em que me recusava a embarcar no avião do Claude enquanto o General me rogava em vão que partisse com ele. Quero ficar, dizia eu. Está quase a acabar. Por trás de

mãos entrelaçadas, o Man soltou um suspiro. Está quase a acabar? «Venha a nós o Vosso reino, seja feita a Vossa vontade.» O teu general não é o único que está a planear continuar a combater. Os velhos soldados não definham. A guerra já se prolonga há demasiado tempo para que simplesmente parem. Precisamos de alguém que fique de olho neles e garanta que não se metem em grandes sarilhos. O que acontece se eu não for?, perguntei. O Man ergueu os olhos para o Cristo flagelado e esverdeado, com as suas feições europeias, suspenso num crucifixo bem acima do altar, com o logro de uma tanga posta em volta das partes pudendas quando o mais provável é que tenha morrido nu. O sorriso que se estampava no rosto do Man revelou uns dentes assustadoramente brancos. Vais ser mais valioso lá do que aqui, disse aquele filho de um dentista. E, se não o fizeres por ti mesmo, fá-lo pelo Bon. Que não irá se achar que vamos ficar. Mas, seja como for, tu tens vontade de ir. Admite!

Será que me atrevo a admitir? Será que me atrevo a confessar? Os Estados Unidos, essa terra dos supermercados e das superautoestradas, dos aviões supersónicos a jato e do Super-Homem, dos superporta-aviões e da Super Bowl! Os Estados Unidos, um país que não se contentou com designar-se a si mesmo aquando do seu nascimento sangrento, mas que insistiu pela primeira vez na história numa sigla misteriosa, EUA, um trio de letras apenas superado mais tarde pelo quarteto da URSS. Embora todos os países se achassem superiores à sua maneira, terá alguma vez existido um país que tenha inventado tantos termos com «super» a partir do manancial federal do seu narcisismo, que não apenas fosse superconfiante, como também verdadeiramente superpoderoso, que não se desse por satisfeito enquanto não imobilizasse por completo todas as nações do mundo numa chave, pondo-as a gritar Tio Sam?

Pronto, eu admito!, disse eu. Confesso.

Ele soltou uma risadinha e disse: Considera-te um sortudo. Eu nunca saí da nossa maravilhosa pátria.

Um sortudo, é? Tu pelo menos sentes-te em casa aqui.

A casa é um conceito sobrevalorizado, disse ele.

Para ele era fácil falar, uma vez que o pai e a mãe se davam razoavelmente bem e os seus irmãos faziam vista grossa às suas simpatias revolucionárias. Era algo bastante comum numa época em que muitas famílias estavam divididas contra si mesmas, havendo quem lutasse pelo Norte e quem lutasse pelo Sul, quem lutasse pelo comunismo e quem lutasse pelo nacionalismo. Ainda assim, por maior que fosse essa divisão, todos se consideravam patriotas a lutarem por um país ao qual pertenciam. Quando lhe recordei que o meu lugar não era ali, ele disse: O teu lugar também não é nos Estados Unidos. É possível, disse eu. Mas eu não nasci lá. Nasci aqui.

Dissemos adeus à porta da basílica, a nossa verdadeira despedida, não aquela encenada mais tarde para o Bon. Vou-te deixar os meus discos e os meus livros, disse eu. Sei que sempre os quiseste. Obrigado, disse ele, apertando-me a mão com força. E boa sorte. Quando é que poderei voltar a casa?, perguntei. Lançando-me um olhar de grande compaixão, ele disse: Caro amigo, sou um subversivo, não sou vidente. O calendário do teu regresso dependerá dos planos do teu General. E, no momento em que o General passava de carro pela basílica, eu não sabia dizer quais seriam os seus planos além de fugir do país. Partia apenas do princípio de que as suas ideias iam para lá das vãs palavras inscritas nas faixas que ladeavam a avenida que ia dar ao palácio presidencial, as quais tinham sido metralhadas por um piloto dissidente no início do mês. NÃO À TERRA PARA OS COMUNISTAS! NÃO AOS COMUNISTAS NO SUL! NÃO AO GOVERNO DE COLIGAÇÃO! NÃO À NEGOCIAÇÃO! Vi um guarda impassível que estava empalado em sentido sob o telhado da sua guarita, mas, antes de chegarmos ao palácio, o General pôs-se final e misericordiosamente a caminho do aeroporto virando à direita na Pasteur. Ao longe, uma metralhadora pesada disparava num *staccato* de rajadas irregulares. Perante o grunhido abafado de um morteiro, o Duc desatou a choramingar nos braços da mãe. Pronto, meu querido, disse ela. Vamos só fazer uma viagem. O Bon afagou o cabelo fino do filho e disse: Será que voltaremos a ver estas ruas? E eu disse: Temos de acreditar que voltaremos a vê-las, certo?

O Bon pôs-me o braço sobre os ombros e apertámo-nos um ao outro no vão das escadas, espetando a cabeça de fora da porta e dando as mãos enquanto os soturnos apartamentos desfilavam, com luzes e olhos a espreitarem do outro lado de cortinas e portadas. Com os narizes ao vento, inspirámos uma mescla de cheiros: carvão e jasmim, fruta apodrecida e eucalipto, gasolina e amoníaco, um arrote vindo em torvelinho da tripa mal irrigada da cidade. Ao aproximarmos do aeroporto, a cruz sombria de um avião sobrevoou-nos num ronco, com as luzes apagadas. Junto dos portões havia rolos espinhosos de arame farpado, balofos com a desilusão da meia-idade. Para lá do arame aguardava uma brigada de carrancudos polícias militares e o seu jovem tenente, de espingardas na mão e bastões a balouçarem nos cintos. Senti um baque no peito quando o tenente se abeirou do *Citroën* do General e se debruçou junto da janela do condutor para uma breve troca de palavras e olhando então de relance na minha direção, pendurado da porta do autocarro. Eu seguira-lhe o rasto entre as informações cedidas pelo major desonesto, localizando-o no bairro de lata junto do canal onde vivia com a mulher, três filhos, os pais e os sogros, todos dependentes de um salário que não chegava para alimentar metade deles. Era a sina típica do jovem oficial, mas a minha missão na tarde da semana anterior em que fiz uma visita era descobrir que tipo de homem tinha sido moldado a partir desse pobre barro. De cuecas, sentado na beira da cama de madeira que partilhava com a mulher e os filhos, o tenente seminu apresentava o olhar encurralado de um prisioneiro político acabado de ser largado na jaula de um tigre, cauteloso e um pouco assustado embora ainda fisicamente inteiro. Pretende que eu dê uma facada nas costas ao meu país, disse-me ele apaticamente, agarrado ao cigarro por acender que eu lhe dera. Pretende pagar-me para deixar fugir cobardes e traidores. Pretende que incentive os meus homens a fazerem o mesmo.

Não vou insultar a sua inteligência fingindo o contrário, disse eu. Falei maioritariamente para proveito do júri: a mulher, os pais e os sogros, que estavam sentados, de cócoras, ou de pé nos limites apertados da sufocante barraca com telhado de zinco. A fome

concedera-lhes maçãs do rosto descarnadas, como as que eu conhecera à minha própria mãe, que tanto sofrera por mim. Admiro-o, Tenente, disse eu, e admirava. É um homem honesto, e os homens honestos são difíceis de encontrar quando há famílias para alimentar. O mínimo que posso fazer para o recompensar é oferecer-lhe 3000 dólares. Representava um mês de salário do seu pelotão inteiro. A mulher fez o que lhe competia e exigiu 10 mil. Acabámos por chegar a um acordo por 5000, metade paga no momento, a outra a saldar no aeroporto. À passagem do meu autocarro, ele sacou-me da mão o envelope com o dinheiro, e vi nos seus olhos a mesma expressão que a agente comunista me lançara no momento em que lhe tirei da boca a tal lista de nomes. Apesar de me poder ter dado um tiro ou nos ter mandado para trás, fez aquilo que eu apostava que qualquer homem honrado que fosse obrigado a aceitar um suborno faria. Deixou-nos passar a todos, aferrando-se à sua parte do acordo como à última folha de figueira da sua dignidade. Desviei os olhos da sua humilhação. Se — permitam-me o condicional por um instante —, se o exército do Sul fosse constituído apenas por homens como ele, teria vencido. Confesso a minha admiração por ele, ainda que fosse meu inimigo. É sempre preferível admirar os melhores de entre os nossos adversários do que os piores de entre os nossos amigos. Não concorda, Comandante?

Eram quase nove horas quando atravessámos a metrópole que era o recinto aeroportuário, rolando sobre ruas bem alcatroadas por entre barracões, quartéis de telhado triangular, escritórios anódinos e armazéns tubulares, adentrando-nos numa minúscula cidade dentro de Saigão, ainda que fora dela. Aquele território semiautónomo tinha sido outrora um dos aeroportos mais movimentados do mundo, um eixo para todo o tipo de surtidas e missões letais e não letais, inclusive as levadas a cabo pela Air America, a companhia aérea da CIA. Era naquele local que os nossos generais guardavam os seus familiares, enquanto os generais norte-americanos gizavam os seus estratagemas em gabinetes atafalhados de mobiliário de aço importado. O nosso destino eram as instalações do Gabinete

do Adido de Defesa. Com o habitual descaramento, os norte-americanos tinham-lhe posto a alcunha de Dodge City, essa cidade governada por revólveres onde as raparigas do *saloon* dançavam o canção, tal como em boa medida acontecia aqui em Saigão. Porém, enquanto na verdadeira Dodge City eram os xerifes que zelavam pela paz, aquele centro de evacuação estava guardado por fuzileiros norte-americanos. Não via tantos desde 1973, ano em que partiram deste aeródromo sob a forma de um bando andrajoso e derrotado. Porém, estes jovens fuzileiros nunca tinham assistido a um combate e estavam no país havia apenas umas semanas. De olhos luzidios e barba feita, sem o menor vestígio de uma marca de seringa no côncavo do braço nem uma bafurada de marijuana nas fardas engomadas e isentas de selva, observavam impassíveis o desembarque dos nossos passageiros no parque de estacionamento, já apinhado com centenas de pessoas nervosas à espera da retirada. Fui ter com o General e o Claude junto do *Citroën*, onde o General estava a entregar as chaves. Devolvo-lhas nos Estados Unidos, meu General, disse o Claude. Não, deixe-as ficar na ignição, disse o General. Não quero que ninguém estrague o carro ao roubá-lo, uma vez que será roubado de qualquer forma. Aproveite-o enquanto pode, Claude.

Quando o General se afastou para ir ao encontro da Madame e dos filhos, eu disse: O que é que se passa aqui? Isto está uma barafunda. O Claude suspirou. Situação normal, tudo fodido. Está tudo a tentar tirar daqui os familiares e os cozinheiros e as namoradas. Considera-te um sortudo. Já sei, disse eu. Vemo-nos nos Estados Unidos? Ele deu-me uma palmada no ombro com afeto. Tal como em 1954, quando os comunistas tomaram o poder, disse ele. Quem diria que voltaríamos a este ponto? Só que na altura eu saquei-te do Norte e agora estou a sacar-te do Sul. Vai correr tudo bem.

Depois de o Claude se ter ido embora, regressei para junto das pessoas que iam ser retiradas. Um fuzileiro de megafone resmoneava-lhes que formassem filas, mas para os nossos compatriotas fazer fila era antinatural. O nosso método típico em situações em que a procura fosse elevada e a oferta reduzida consistia em acotovelarmo-nos,

atropelarmo-nos, empurrarmo-nos e darmos encontrões, e, se tudo isso falhasse, subornar, lisonjear, exagerar e mentir. Eu não sabia bem se estas características seriam genéticas, profundamente culturais ou um mero desenvolvimento evolutivo rápido. Tínhamos sido obrigados a adaptarmo-nos a dez anos de vida numa bolha econômica exclusivamente insuflada pelas importações norte-americanas; três décadas de guerra intermitente, inclusive o serrar do país em dois por mágicos estrangeiros em 1954 e o breve interregno japonês da Segunda Guerra Mundial; e o século anterior de um paternalista abuso francês. No entanto, os fuzileiros estavam-se nas tintas para tais desculpas e a sua presença intimidante acabaria por compelir as pessoas a formarem filas. Quando os fuzileiros nos revistaram em busca de armas, nós, os oficiais, entregámos respeitadora e tristemente as nossas pistolas. A minha era um simples revólver de calibre 38 de cano curto, bom para atividades secretas, para a roleta russa e para o suicídio, ao passo que o Bon empunhava a semiautomática e viril Colt de calibre 45. A pistola tinha sido concebida para derrubar guerreiros moros nas Filipinas com um único disparo, disse eu ao Duc. Algo que o Claude me ensinara; era o tipo de mistérios que ele conhecia.

Documentos!, disse o burocrata da embaixada que estava à secretária a seguir à revista, um jovem de suíças oitocentistas, adornado com um fato bege de safari e óculos de lentes rosadas. Cada chefe de família trazia os documentos de *laissez-passer* emitidos pelo Ministério do Interior que eu comprara com um elevado desconto, bem como o indulto presidencial atribuído pelo Claude, carimbado pelo competente funcionário da embaixada. O indulto garantia-nos, mesmo que nos mantivéssemos obedientemente na fila, o mais importante: que saltaríamos para a dianteira da fila da imigração à frente dos esperançosos e amontoados milhões de todo o mundo que ansiavam respirar o ar da liberdade. Levávamos connosco esse parco consolo para a escala feita nos campos de ténis onde os madrugadores daquela evacuação tinham já ocupado todos os lugares na bancada. Juntámo-nos aos retardatários que ensaiavam um sono entorpecido no betão verde dos campos. Os candeeiros camuflados vermelhos projetavam uma

luminosidade sinistra sobre a multidão, a qual incluía um pequeno número de norte-americanos. Todos pareciam maridos de mulheres vietnamitas, tendo em conta o cerco feito por famílias vietnamitas à sua volta ou a forma como uma mulher vietnamita praticamente se algemara ao braço de um deles. Instalei-me com o Bon, a Linh e o Duc num lote vago. De um dos lados estava um bando de prostitutas, embaladas a vácuo em microminissaias e meias de rede. Do outro lado estava um norte-americano, a mulher e os filhos, um menino e uma menina aí dos seus cinco e seis anos. O marido estava esparramado de barriga para cima, com o antebraço musculoso sobre os olhos, deixando ver no rosto apenas as duas pontas peludas do bigode, os lábios rosados e os dentes ligeiramente tortos. A mulher estava sentada com as cabeças dos filhos no colo, acariciando-lhes o cabelo castanho. Há quanto tempo estão aqui?, perguntou a Linh, amparando nos braços um sonolento Duc. O dia inteiro, disse a mulher. Tem sido horrível, muito calor. Não há nada para comer ou beber. Não param de chamar os números dos aviões, exceto o nosso. A Linh emitiu uns sons de solidariedade enquanto eu e o Bon nos conformávamos com a parte da espera desse «despachem-se e esperem» que constitui o aborrecido hábito dos exércitos pelo mundo fora.

Acendemos cigarros e virámos a nossa atenção para o céu escuro, iluminado de vez em quando pelo foguete de um paraquedas a borbotar numa existência espermática, a intensa cabeça de luz a traçar uma comprida e serpenteante cauda de fumo vogando em sentido descendente. Estás pronto para uma confissão?, disse o Bon, que utilizava as palavras tal como utilizava as balas, em rajadas curtas e controladas. Eu sabia que o dia de hoje iria chegar. Só que nunca o disse em voz alta. Chama-se negação, certo? Eu assenti e disse: Só és culpado da mesma coisa que toda a gente em Saigão. Todos sabíamos e não podíamos fazer nada ou, seja como for, era o que achávamos. Mas tudo pode sempre acontecer. É nisso que consiste a esperança. Ele encolheu os ombros, contemplando a ponta do cigarro aceso. A esperança é fina, disse ele. O desespero é espesso. Como o sangue. Apontou para a cicatriz que tinha na palma da

mão que segurava no cigarro, gravada de maneira a acompanhar a linha da vida. Lembras-te?

Estendi a palma da minha mão direita com a cicatriz equivalente, a mesma que o Man tinha. Era aquela a marca que víamos sempre que abríamos as mãos para uma garrafa, um cigarro, uma pistola ou uma mulher. Como guerreiros lendários, juráramos morrer uns pelos outros, enredados no espírito romântico da amizade de liceu, unidos pelas coisas eternas que víamos uns nos outros: fidelidade, honestidade, convicção, a vontade de estar ao lado dos amigos e defender crenças. Mas em que é que acreditávamos aos 14 anos? Na nossa amizade e na nossa fraternidade, no nosso país e na nossa independência. Acreditávamos que seríamos capazes, se instados a tal, de nos sacrificarmos pelos nossos irmãos de sangue e pela nossa pátria, embora não soubéssemos ao certo como surgiria essa instância nem aquilo em que nos tornaríamos. Eu não era capaz de prever que o Bon participaria um dia no Programa Fénix para vingar o assassinio do seu pai, tendo por missão assassinar as pessoas que eu e o Man considerávamos camaradas. E o bondoso e sincero Bon não sabia que eu e o Man viríamos secretamente a acreditar que a única forma de salvarmos o nosso país era tornarmo-nos revolucionários. Os três seguimos as nossas convicções políticas, mas apenas por causa dos motivos que nos levaram inicialmente a jurar uma irmandade de sangue. Se as circunstâncias viessem a colocar-nos numa situação em que a morte fosse o preço da nossa irmandade, eu não tinha dúvidas de que eu e o Man o pagaríamos. Trazíamos o nosso compromisso escrito nas mãos e, sob a luz vacilante projetada por um foguete distante de magnésio, estendi a palma com a sua cicatriz e percorri a linha com o dedo. O teu sangue é o meu e o meu é o teu, disse, sendo esse o juramento adolescente que fizéramos um ao outro. Sabes que mais?, disse o Bon. O desespero pode ser espesso, mas a amizade é mais espessa ainda. Depois, não havia mais nada a dizer, bastando-nos a nossa camaradagem no momento em que atendíamos os apelos dos míses *Katyusha*, que assobiavam ao longe como bibliotecários a exigirem silêncio.

«Porém, no mês em que tem início esta confissão, a minha maneira de encarar o mundo ainda se assemelhava mais a uma virtude do que a um perigo, que é como certos perigos começam por se mostrar.»

Abril de 1975: Saigão está mergulhado no caos. Na sua *villa*, um general do exército do Vietname do Sul bebe *whisky* e, com a ajuda do seu capitão de confiança, elabora uma lista com os nomes daqueles que têm permissão para apanhar os últimos voos de saída do país. Começando uma nova vida em Los Angeles, o general e os seus compatriotas desconhecem que, entre eles, existe um espião que reporta as suas atividades às instâncias superiores do comando vietcongue.

O *Simpatizante* é a história desse espião, desse capitão: um homem criado por um pai francês ausente e por uma mãe vietnamita pobre, um homem que foi para a universidade, nos EUA, e que regressou ao Vietname para lutar pela causa comunista.

Na melhor tradição dos romances de espionagem, encontra-se nestas páginas a exploração de uma vida entre dois mundos, entre a amizade e a crença política, a lealdade e a identidade, revelando a herança que a Guerra do Vietname deixou na literatura, no cinema e, também, nas guerras que ainda se combatem.

«A capacidade de Nguyen retratar uma personalidade dividida aproxima-o de Conrad, Greene ou le Carré.»

New York Times Book Review

«Gentil e divertido, lembra-nos de como se fazem grandes livros.»

Guardian

ELSINORE entre nós e as palavras 20 20 editora	ISBN 978-989-8664-12-3  9 789898 8664123 Literatura Traduzida
YOU ARE WELCOME TO WWW.ELSINORE.PT	